

Número de Fita: 01.0004

Título: Manoel Seabra, Maria Santinha, Rosilene

Mídia: Mini-DV

Time Code		Vídeo	Áudio	Tema	Comentário Imperdível (interno ao material)	Sugestão (conexões Externas)
in	out					
00:23	02:11	Seu Manoel Seabra e Maria Santinha sentados em dois rancos de madeira.	Hebe Mattos pede para seu Manoel falar sobre seu avô	ME		
02:11	02:41	Idem.	Seu Manoel conta que seu avô foi trazido da África para a Bahia e de lá foi comprado por um fazendeiro no vale do Paraíba.	ME		
02:41	03:11	Idem.	Seu Manoel conta que seu avô era muito maltratado e fugiu para a Fazenda de São José. Essa fazenda era um quilombo mas não se permitia chamar dessa maneira.	ME		
03:11	03:41	Idem.	Hebe Mattos pergunta para qual fazenda o avô de seu Manoel havia sido vendido. Seu Manoel responde que era para a fazenda Leite e Souza perto	ME		

			de Santa Izabel.			
03:41	04:55	Idem.	Hebe pergunta se o avô de seu Manoel havia contado algo sobre a África. Ele responde que não e que quem contava sobre isso era a mãe e o pai dele.	ME		
04:55	06:48	Idem.	É perguntado a seu Manoel sobre seu outro avô. Ele responde que seu outro avô era africano. Também é perguntado sobre os membros da família de seu Manoel e dona Santinha.	ME		
06:48	08:31	Idem.	A Marta Abreu pergunta se o Jongo era dançado pelo avô de seu Manoel. Ele diz que seu avô dançava bastante e que as crianças não podiam participar.	ME		
08:31	10:20	Idem.	Hebe Mattos pede para que seu Manoel fale sobre Luis Cambinda. Contou-se então que ele era um jongueiro.	ME		
10:20	11:20	Idem.	Hebe pergunta sobre os tambores. Seu Manoel conta como eram feitos os tambores.			

11:20	14:45	Idem.	Seu Manoel conta que seu avô, Dioniso, batia muito na sua mãe.	ME		
14:45	16:40	Idem.	É perguntado se sua avó contava histórias. Ele diz que não porque como ele era criança não podia ouvir essas histórias. Os avôs de seu Manoel conheceram o cativoiro mas não contaram para ele nada sobre para que as crianças não ficassem com medo.	ME		
16:40	20:50	Idem.	Hebe Mattos pergunta sobre a história da fuga do avô Pedro. Ele responde falando que seus pais viveram no cativoiro e que precisavam dormir na senzala com argolas nos pés.	ME		
20:50	22:36	Idem.	Pergunta desde quando ele se lembra dos bailes de Calango. Ele passa a contar os lugares que existiam bailes de calango e que seus pais participavam.	JO		
22:36	26:12	Idem.	Hebe Mattos pergunta como que era as festas de 13 de maio e se tinha jongo. Seu Manoel conta que os parentes que haviam ido morar em outras cidades costumavam voltar em períodos de grande festa.	JO		

26:12	27:47	Idem.	Hebe pergunta se ele conhece alguma história sobre o tempo do cativoiro ou da abolição. Seu Manoel conta que seus pais não falavam quilombo porque tinham medo do patrão e que ele foi descobrir esse significado a pouco tempo.	ME		
27:47	30:46	Idem.	Seu Manoel conta de um fazendeiro local que ameaçava atear fogo na casa dos negros e expulsar ele da fazenda de são José da Serra.	ME		
30:46	32:40	Idem	Hebe pergunta sobre a chegada do radio na região. Ele conta que abaixavam o volume do radio pra ele não escutar. Seu Manoel conta que o governo de Getúlio Vargas foi “um deus que desceu do céu”. Ele relata que com Getúlio Vargas nenhum fazendeiro mandou mais atear fogo em suas casas.			
32:40	32:56	Idem	Seu Manoel conta que ficou muito triste com a morte de Vargas porque era um tempo onde eles tinham liberdade. A partir do governo Vargas os fazendeiros passaram a respeitar inclusive o pagamento.			

32:56	35:23	Idem	Ele conta que ainda jovem trabalhava e ganhava 200 réis por semana.			
35:23	36:22	Idem	A Marta Abreu pergunta se seu Manoel conhecia o Jongo de Pinheral. Seu Manoel responde que não e ele conta que em outras fazendas havia jongo em Santa Barbara e Leite e Souza.	JO		
36:22	40:23	Idem	Seu Manoel relata que existia um Jongo em Santa Clara e que ele conhecia Santa Clara. Ele conta a história de como conheceu a fazenda de Santa Clara.	JO		
40:23	41:49	Idem	A Marta Abreu pergunta se ele achou alguma coisa ruim em Santa Clara. Seu Manoel relata que há histórias de que em Santa Clara há ainda sangue de escravos e tronco e também janelas falsas.	ME		
41:49	42:41	Idem	Hebe Mattos pergunta quais são as fazendas que seu Manoel dançava o Jongo. Ele responde que não ligava muito para tambor mais que gostava do baile e que os contos antigos de jongo para ele não para os jovens que para ele só serve a dança.	JO		

42:41	44:30	Idem	Entrevistadora pergunta se Dona Santinha lembra da letra de algum conto de Jongos.	JO		
44:30	45:10	Idem	Hebe Mattos perguntam sobre as festas do Treze de Maio se tinha alguma letra com os temas de princesa Isabel e abolição do cativoiro. Seu Manoel cita uma letra: “Foi dia 13 de Maio que o Cativoiro acabou”	JO		
45:10	46:50	Idem	Seu Manoel diz que se o tambor estiver tocando ele passa a se lembrar dos jongos antigos.	JO		
46:50	50:55	Idem	Seu Manoel bate algumas vezes no tambor. Ele conta que é necessário pedir licença para usar o tambor visto que pode ocorrer uma confusão se isso não acontecer. Essa licença ele pede para os pretos velhos	JO		
50:55	52:20	Leonardo ao lado de seu Manoel e dona santinha com um tambor.	Ao som do tambor seu Manoel canto um conto: “Papai, mamãe, vem dar licença pra mim.” Ele explica que esse é o conto para abrir terreiro.	JO		

52:20	59:40	Equipe do Labhoi se despede de Seu Manoel e de Dona Santinha.	Seu Manoel canta um conto sobre o dia 13 de maio. Seu Manoel disse que não sabia o valor que o tambor tem. Para ele era um apenas divertimento. E depois que ele passou a lidar com a equipe do Labhoi que se foi ter a dimensão do valor do tambor.	JO		
59:40	1:02:55	Rosilene em pé a uma casa lendo um texto.	Rosilene conta a história de uma mulher senhora de escravos que era muito má. Ela conta que o apelido da senhora era Aninha Brava.	ME		

Legenda dos Temas	Equipe de Decupagem
Fazenda: FA Jongo: JO Quilombo: QL Memória da Escravidão: ME	Matheus Sinder Bruna Lamego Fernanda Pinheiro